

## INTRODUÇÃO

Ao ser-me proposta tarefa de entrar em contacto com o universo de alguém pertencente a um grupo diferente daqueles com os quais estou mais familiarizado, ocorreu-me procurar o universo da homossexualidade e, dentro da comunidade homossexual, alguém pertencente a uma faixa etária diferente da minha e, se possível, do sexo oposto.

Assim, entrei em contacto via e-mail com organizações como a ILGA, PORTUGAL GAY e OPUS GAY, entre outras.

A minha solicitação foi bem acolhida por António Serzedelo, presidente da Opus Gay, com quem mantive uma conversa telefónica prolongada (e depois uma resposta escrita às minhas questões), e também por João Paulo, editor do site Portugal Gay, que se prontificou a responder a algumas perguntas que lhe enviei por e-mail, disponibilizando-se inclusivamente a deslocar-se à Universidade do Minho para uma pequena palestra<sup>1</sup>.

Frustrado o objectivo de conseguir contactar com uma mulher homossexual, os restantes foram conseguidos, pois obtive respostas interessantes, as quais me permitiram a reflexão que se pretendia, sobre a temática da discriminação, mas também sobre vivências distintas da minha – não apenas por pertencer a uma geração diferente mas igualmente pelo facto de ser heterossexual e de me ter, até à data, movimentado apenas entre círculos de pessoas com a mesma orientação sexual.

Esta reflexão está estruturada em torno de algumas questões que previamente seleccionei, e que passo a apresentar de seguida, constituindo elas o corpo do meu trabalho. Apresentarei as respostas dos meus entrevistados em paralelo, para permitir uma mais fácil comparação.

Após a apresentação de cada conjunto pergunta-resposta apresento a minha reflexão sobre a informação que cada um dos entrevistados me facultou.

## ENTREVISTAS

### Os entrevistados:



**António Serzedelo**, 65 anos,  
Presidente da Opus Gay  
Fonte: <http://www.opusgay.org/imagens/Antonio.jpg>



**João Paulo**, 42 anos,  
Editor do site Portugal Gay  
Fonte: [http://noticias.sapo.pt/especial/casamento\\_gay/2010/01/07/portugal\\_gay/index.html](http://noticias.sapo.pt/especial/casamento_gay/2010/01/07/portugal_gay/index.html):

---

<sup>1</sup> Ambos os entrevistados consentiram em ser identificados.

## **1. A descoberta de uma orientação sexual alvo de discriminação e a aceitação da mesma pelo indivíduo.**

Esta primeira questão prende-se com a repressão da sexualidade por parte de alguém que descobre a atracção sexual por pessoas do mesmo sexo, num meio onde a heterossexualidade é imposta como modelo normativo pela sociedade em geral, e pela família, em particular. Procurámos averiguar até que ponto a atitude condenatória e discriminatória interferiu na aceitação – e na livre expressão de uma orientação sexual diferente da dominante.

**Questão: Que idade tinha quando descobriu a sua orientação sexual? Entre a descoberta e a aceitação, quanto tempo decorreu?**

### **António Serzedelo**

Durante a adolescência, em idade que não posso precisar. Mas tive namoradas durante muito tempo.

Eu sentia que era diferente, mas não pensava em termos de orientação homossexual, pois na época não havia a noção de orientação sexual, nem de identidade.

### **João Paulo**

Não foi uma descoberta do tipo “click” e já está.

Foi uma coisa que teve várias fases. Tive um comportamento heterossexual, mais ou menos até aos meus 16 anos...

Depois tive comportamentos que se podiam denominar de bissexuais, pois tive namoradas com quem estava durante o dia mas à noite frequentava espaços de frequência LGBT, e tinha relações ocasionais com pessoas do mesmo sexo e género. Foi por isso uma adaptação lenta, e progressiva. Penso que tive a perfeita consciência da minha orientação sexual por volta dos 18 ou 19 anos.

Está patente nas respostas dos dois entrevistados uma tentativa – ainda que não consciente – de contrariar a sua predisposição para a homossexualidade que, com o passar do tempo, se foi progressivamente afirmando e acabando eventualmente por levar à suspensão das práticas heterossexuais. De ambas as respostas se depreende aquilo para que vários estudos apontam<sup>2</sup>: a predisposição para a atracção homossexual não é avassaladora, isto é, não é impeditiva de comportamentos heterossexuais.

## **2. Entre o descobrir e o assumir da homossexualidade**

Tendo consciência de que as duas perguntas que se seguem (inter-relacionadas) só fazem sentido numa sociedade em que a orientação homossexual funciona como um “rótulo” gerador de discriminação,

<sup>2</sup> Referidos, por exemplo, por William Naphy, em “Born to Be Gay – História da Homossexualidade”.

coloquei-a não obstante, e por essa mesma razão. É óbvio que a pergunta não faria sentido quando colocada a um heterossexual, que não precisa de se “assumir”. “Assumir” entende-se aqui como o ultrapassar de uma barreira entre o público e o privado, entre o social e o pessoal, barreira essa que a população heterossexual não precisa de transpor. Coloquei a questão por ter consciência do facto de que assumir publicamente sua orientação sexual ou identidade de género é um momento significativo na trajectória pessoal e social de um homossexual.

**Questão: Entre o descobrir e o assumir, quanto tempo decorreu? Há quanto tempo decidiu assumir publicamente a sua orientação sexual?**

**António Serzedelo**

A assumpção foi muito mais tardia. Foi quando era estudante universitário, Mas também nessa altura a questão não era colocada nos mesmos termos em que se coloca hoje.

Só assumi publicamente, como acto de Cidadania – logo, político – porque, como responsável por uma associação LGBT tinha de o fazer, para dar testemunho publico Assumi a minha homossexualidade publicamente em 1989, data que coincide com a criação da Opus Gay.

**João Paulo**

Dois ou três anos. Quanto ao assumir publicamente, não foi bem uma escolha, mas aconteceu em 2001, ou seja, há dez anos.

**Questão: A quem deu a conhecer primeiro?**

**António Serzedelo**

Primeiro foram os amigos, depois foi público. No meu caso a família tinha pouca relevância porque os parentes mais próximos já não eram vivos, e os outros - mais afastados - não me interessava a opinião deles.

**João Paulo**

Em privado ao meu pai, publicamente ao país.

**3. As consequências de se ser “diferente” no seio da maioria**

É do conhecimento de todos os preconceitos e discriminação de que os grupos homossexuais são alvo em Portugal como em outras partes do mundo, pese embora a tendência recente para se repudiar a atitude discriminatória da sociedade em relação a esses grupos.

O conjunto de perguntas que se segue pretende averiguar os impactos de uma homossexualidade assumida na vida de ambos os entrevistados, em círculos sociais restritos (família e amigos) e mais alargados (local de trabalho, vizinhança, etc.).

**Questão: Como reagiram as pessoas mais próximas (familiares, amigos)**

**António Serzedelo**

Os amigos, bem. A família que soube fingiu não perceber, ou não falou disso.

**João Paulo**

No geral bem, os amigos continuaram a ser amigos e apenas um familiar precisou de algum tempo para se enquadrar na novidade que era ter alguém homossexual tão próximo.

**Questão: Pensa que a relação de proximidade com essas pessoas influenciou, positiva ou negativamente, a reacção delas?**

**António Serzedelo**

Não creio que tenha influenciado, mas hoje é difícil fazer uma projecção para um passado que já é distante.

Acho que os que eram meus amigos continuaram a sê-lo. Ou seja, não foi o facto de ficarem a conhecer a minha orientação sexual que os afastou.

**João Paulo**

Penso que não. Sempre fui eu mais eu, nunca fui de partilhar as minhas coisas (sentimentos, e adversidades), ou seja, sempre contei comigo e, embora admita que a posição dos outros me interessa, não passa daí.

**Questão: Quais os impactos da sua decisão a nível dos seus relacionamentos sociais?**

**António Serzedelo**

Nuns casos houve nítidas exclusões, noutros, um estreitamento dos relacionamentos.

**João Paulo**

Bastante positivos. Costumo dizer nas minhas palestras e entrevistas que por causa disso sou um mau exemplo pela positiva, uma vez que sei que respostas positivas não são o que abunda na nossa sociedade.

**Identifica a existência de dificuldades sociais decorrentes da sua orientação sexual?**

- a) no local de trabalho
- b) na sua vida social (círculo de amigos)
- c) outras relações sociais (vizinhos, senhorio, etc.)
- d) família

**António Serzedelo**

Quanto ao **trabalho**: agora estou reformado, mas anteriormente era professor do ensino secundário e, quando assumi a homossexualidade, os alunos reagiram bem – até ficavam “orgulhosos” por terem um professor que se tinha tornado uma figura pública. Quando à instituição, sim, senti a

**João Paulo**

Não no local de **trabalho**, Não no meu caso, uma vez que o meu fiador da minha casa foi um antigo patrão. Mas sei de casos de perseguição e / ou pressão que levam as pessoas a despedirem-se ou noutro caso a entidade patronal não renovar o contrato.

Na **vida social** não tive reacções negativas como

discriminação.

Na **vida social**: Muito menos, ou quase nada. Senti que, embora sem reagirem abertamente, algumas pessoas se afastaram. Não eram, no entanto, amigos próximos.

Com **vizinhos** sim, e até com **senhorios**, mas hoje essas questões estão para mim ultrapassadas.

As respostas obtidas a este grupo de questões apontam para uma realidade que foi referida nas aulas desta Cadeira<sup>3</sup>, e que consiste no facto de as pessoas que têm menos preconceitos contra os homossexuais serem aquelas que contactam mais directamente com eles. Com efeito, nenhum dos dois entrevistados parece ter sentido que o assumir publicamente a sua homossexualidade teve efeitos fortemente negativos nas relações com os que lhes estavam mais próximos, nas suas vidas do quotidiano, e que as reacções mais negativas vieram de sectores menos socialmente menos próximos.

já disse mais acima. Quanto aos amigos, mantém-se o diagnóstico, sem problemas, bem pelo contrário. Na **família** houve alguma tensão inicial, mas nada de mais depois.

#### 4. O mito da réplica do par marido-mulher nos casais homossexuais

É um lugar-comum assumir-se que, nos casais homossexuais, se tende a replicar o modelo do casal heterossexual, assumindo um elemento o lugar do marido e o outro o da mulher. As duas questões que se seguem destinam-se a tentar averiguar se esse pressuposto é de facto um mito que existe entre a comunidade heterossexual ou se também os homossexuais partilham dessa opinião.

**Questão: Concorda com a opinião de que os casais homossexuais tendem a replicar o modelo de relacionamento heterossexual na relação entre os dois elementos do casal?**

##### António Serzedelo

Em alguns casos, sim, mas não sei se isso é exacto em todas as circunstâncias. Mas, na verdade, também não tinham outro modelo referencial.

Em muitos casos inova-se na relação, e creio que os papéis de género, por exemplo, estão muito ultrapassados nestas relações.

##### João Paulo

Sim e não! Acredito que o modelo de relacionamento possa ser copiado por muitos casais, independentemente do género. Mas também sei que os modelos de casal são muito mais diversos que nos heterossexuais, e uma coisa são de certeza: mais honestos. Isto porque a diversidade de que vos falo é assente na frontalidade, na sinceridade de comportamentos assumidos pelos dois elementos do casal. Também os haverá que terão as suas aventuras às escondidas, como as têm o casais heterossexuais, mas estou certo que será em muito menor número.

<sup>3</sup> Aula rede exaequo

**Questão: Em caso afirmativo, atribui esse fenómeno à força social do modelo de casal homem-mulher?**

**António Serzedelo**

Penso que isso decorre dos modelos sociais a que todos estamos expostos desde a infância. O meio social interfere sempre nos relacionamentos, embora não seja o único factor condicionante.

A força da heterossexualidade / heteronormatividade social também nos influencia, pois não vivemos num mundo à parte, embora vivamos muitas vezes guetificados - o que não me parece bom.

Claro que, por sermos um grupo minoritário, também temos relativamente a certas questões outros comportamentos, até por questões de defesa, automática.

**João Paulo**

Sem dúvida que aqueles que tomarem esse comportamento com sendo também o seu, se deve a um plano histórico fortemente enraizado no comportamento social dos casais, e que por sua vez leva a que algumas pessoas tomem esses modelos como seus, e a seguir.

Mas temos que ter consciência que cada vez mais o casamento não é o que foi para os nossos pais, e não de todo o que foi para os nossos avós.

Das respostas dos entrevistados podemos concluir que também eles comungam parcialmente dessa opinião generalizada, atribuindo o facto a questões de natureza histórico-social.

**5. Percepção da atitude da sociedade portuguesa em relação à homossexualidade**

Na fase final da entrevista, procurámos saber como os entrevistados sentem a atitude da sociedade portuguesa em relação ao grupo minoritário a que pertencem, e de que forma essa atitude tem evoluído.

**Questão: Como avalia a evolução da sociedade portuguesa em relação á população homossexual?**

**António Serzedelo**

A evolução tem sido francamente boa. Actualmente há muito mais abertura do que a que existia nos meus tempos de juventude.

Tem-se evoluído devagar, mas positivamente, mais facilmente nas cidades do que nos círculos rurais, e mais facilmente nas zonas marítimas do

**João Paulo**

Não sei se poderemos falar de evolução, a homossexualidade sempre existiu e as pessoas tinham conhecimento disso mesmo, apenas agora o assunto antes tabu é hoje sobejamente comentado nos media, e por isso assunto de conversa em todo o lado.

que nas do interior, sobretudo onde a Igreja Católica tem ainda muita influência, negativa neste aspecto. Aí é difícil constatar-se uma evolução positiva. O mesmo nas zonas de caciquismo local

Faço da evolução no seu geral um processo positivo, mesmo tendo em conta manifestações recentes contra o alargamento da lei do Casamento Civil a pessoas do mesmo sexo.

A opinião dos dois entrevistados é globalmente positiva. No entanto, a de João Paulo poderá estar viciada pelo facto de, por um lado, se tratar de um indivíduo que não é propriamente um “cidadão anónimo no meio da multidão” e de, por outro, se movimentar em comunidades urbanas cosmopolitas e multiculturais, caracteristicamente mais abertas à aceitação das minorias do que os meios mais rurais e mais distantes dos grandes centros urbanos. A resposta de António Serzedelo é mais consentânea com o que os estudos referem, e também com a opinião que eu próprio tenho vindo a formar sobre a questão.

## 6. Diferenças de atitude em relação à homossexualidade masculina e feminina

Finalmente, quisemos saber como ambos os entrevistados percebem o tratamento que a sociedade confere aos homossexuais homens e mulheres.

### Questão: Considera haver diferenças de atitude em relação à homossexualidade feminina e masculina?

#### António Serzedelo

Sim acho que há uma grande diferença.

Acho que a homossexualidade masculina é muito mais bem aceite porque, em relação a homossexualidade feminina, os homens (onde a mentalidade machista predomina) tendem a pensar que as mulheres só são lésbicas por não conseguirem encontrar um parceiro masculino.

A homossexualidade masculina é muito mais visível que a feminina, e até aqui se vêem as discriminações a que as mulheres estão sujeitas.

E, a nível de compreensão, talvez a masculina beneficie, por ora, mas em breve a situação deverá reverter-se.

#### João Paulo

Sim. Dependendo dos meios, cada uma das partes sofre reacções diferentes, ou não, porque pegando na resposta anterior, e dada a evolução, como se reage ao assunto cada vez menos - ver dois homens ou duas mulheres juntos é motivo de qualquer tipo de tratamento diferente, seja ele positivo ou negativo... Contudo devemos ter em conta que nem tudo são rosas e mesmo perante este meu cenário fantástico ainda se sofre de homofobia no nosso país e no mundo.

A opinião de António Serzedelo coincide, até certo ponto, com a expressa por Júlio Machado Vaz quando o sexólogo afirma que “a homossexualidade feminina vive bastante na sombra da masculina, que sempre ocupou a boca de cena. Para muito boa gente, sem pénis não existe verdadeiro sexo; a visão popular - e

alguma "científica" - das lésbicas como "heterossexuais que se desconhecem" ou "mulheres afectadas por distúrbios nervosos" bebem de tal fonte."<sup>4</sup>

Por outro lado, é uma opinião que me surpreende, pois parece ser consensual que um homem homossexual constitui uma ameaça maior à ordem social, provavelmente por reter ainda, pelo menos do ponto de vista simbólico, a função de sustentáculo da família tradicional. Os homens homossexuais parecem-me ser muito mais estigmatizados do que as mulheres homossexuais – pelo motivo acima indicado e porque, ao se revelarem homossexuais, se “efeminizam” aos olhos da sociedade.

Do que tenho podido observar, uma experiência homossexual, quando revelada, no caso das mulheres pode ser não valorizada ou até ignorada, ao passo que, no caso dos homens, ela é estigmatizante.

## CONCLUSÃO

A elaboração deste trabalho, nomeadamente através das entrevistas realizadas, proporcionou-me um interessante e enriquecedor “encontro”, não com uma mas com duas pessoas pertencentes a um grupo bem “distinto” dos vários grupos em que me integro (etário, familiar, sexual, social, ocupacional, etc.).

Constituiu, por isso, um ponto de partida para uma reflexão sobre vivências diferentes da minha e, em particular, sobre como essas vivências experienciam uma forma de discriminação bem viva na sociedade portuguesa: a discriminação relativamente orientações sexuais minoritárias.

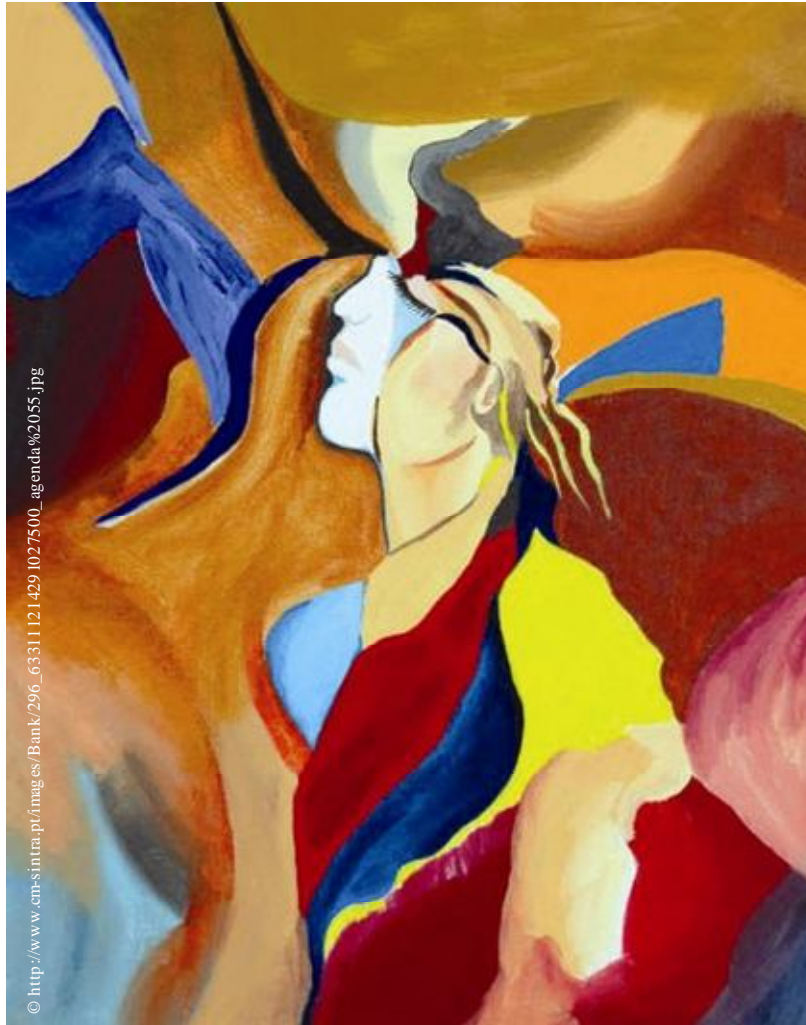
Constituiu, igualmente, oportunidade para questionar e/ou confirmar alguns paradigmas relacionados com esse tipo de vivência, permitindo-me tirar elações que fui elencando ao longo do trabalho que agora apresento, e através do qual espero ter cumprido os objectivos definidos.

---

<sup>4</sup> Acessível em <http://www.clubesafo.com/Actividades/machado.html> (acedido em 06.06.2010)



**Universidade do Minho**



© [http://www.ccm-sintra.pt/imag.es/Bank/296\\_633111214291027500\\_agenda%2055.jpg](http://www.ccm-sintra.pt/imag.es/Bank/296_633111214291027500_agenda%2055.jpg)

**CADEIRA: PSICOLOGIA E DIVERSIDADE SOCIO-CULTURAL**

**Prof. : DRA. CONCEIÇÃO NOGUEIRA**

**TRABALHO INDIVIDUAL**

**JORGE COLLUS**  
**Curso de Psicologia—1º Ano**

**ALUNO Nº 59038**